

# O LUGAR CONTINGENTE DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIA NA APREENSÃO DA CIDADE

– O historiador, o estrangeiro e as nuvens

Margareth da Silva Pereira

Arquiteta urbanista, historiadora, coordenadora do PPG Urbanismo/  
Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pesquisadora CNPq

*A quem mais amas: homem enigmático? Diga!  
Seu pai, sua mãe, sua irmã ou seu irmão?  
[...] sua pátria? [...] a beleza? [...] o ouro?  
[...] Então [diga]! a que tu amas, excêntrico estrangeiro,  
– Amo as nuvens... nuvens que passam... longe... lá muito longe  
... maravilhosas nuvens!*

(Ch. Beaudelaire – O estrangeiro, 1862)

## MEMÓRIA E HISTÓRIA

A cidade é soma de memórias, algumas feitas história: aquelas que se constroem como narrativas compartilhadas, como memórias coletivas.

Pensar cidades sem considerar suas memórias – institucionalizadas e naturalizadas ou apagadas e silenciadas – é subtrair-lhes o espaço de desejo, de ação, de utopia, de convergência e confronto.

É ignorar o poder e a impotência que as fundam como lugar plural de vida coletiva.

Memória e História são narrativas que evocam experiências e temporalidades que não são nem lineares, nem cíclicas, mas também não são aleatórias e relativas. Na ação evocativa de reminiscências, a historiografia busca tomar distância crítica em relação tanto aos discursos coletivos sobre o vivido quanto às suas lacunas e, assim, aos seus modos de legitimação. Entretanto, nem a historiografia nem a posição do historiador são neutras. São práticas e lugares discursivos situados que, por sua vez configuram formas de linguagens e de leituras.

O historiador e as interpretações que resultam do seu trabalho se situam em um campo de possibilidades duplamente culturais, isto é coletivas e individuais, subjetivas e transsubjetivas. Talvez em primeiro lugar – se é que há primazia nesta matéria – se impõem as possibilidades críticas que balizam o seu próprio tempo, as dos embates que permeiam o lugar disciplinar no qual ele opera e também aquelas do que ele elege como recorte: sejam o seu objeto de estudo sejam as abordagens que adota. Tudo é senão juízo, escolha – tenha ele consciência ou não. O tempo de sua narrativa – ou da suspensão que às vezes consegue fazer dela – é um tempo anacrônico: o do presente plural que é seu e o de um passado não menos multifacetado dos atores, dos sujeitos e dos temas que o interrogam e que ele faz emergir.

Aqui, a ideia de tempo impõe a lembrança de seu próprio estatuto. Isto é o tempo é antes de tudo: experiência e ideia – possibilidade de conceitualização de um instante, de um fragmento, de uma cena que da escória ganha luminosidade margem

e emerge como problema a ser proposto, partilhado socialmente, coletivamente. A ideia de tempo parte assim da certeza de um anacronismo para introduzir a possibilidade de uma sincronia, ou pelo menos uma sincronização.

A prática historiográfica é, assim, reflexiva sobre as próprias escolhas que vão delimitando seu fazer. Isto é, ela pressupõe a memória de que cada um dos gestos mais prosaicos da existência são gestos de cultura, na medida em que com eles se reitera lembranças ou esquecimentos dos quais já sequer se fala ou sabe. O tempo do historiador é um tempo que se pergunta sobre os tempos que ele próprio devora. Sua escrita – como qualquer escrita, mas sobretudo por almejar a transsubjetividade – almeja o anacronismo. Tempo e escrita são apenas uma possibilidade de leitura, de “interpretações” reativas, propositivas: uma possibilidade de atualização de reminiscências, de experiências esparsas, de impregnações mnemônicas que formam “nuvens de sentidos”... individual, coletivo... individual, coletivo – ambos, híbridos, sincrônicos.

Daí que o tempo e o texto por onde erra o historiador embora se apresente – é há que buscar fazê-lo – como preciso, neutro, situado – são como uma terra estranha. São um país do qual já não se sabe a latitude ou a situação. São como o próprio estrangeiro de Baudelaire para o qual a única “estabilidade” é plural e instável. O único objeto de identificação e, no caso, afeto é fugidivo. Forma-se e desfaz-se em suas próprias camadas de éter... É transitória. São nuvens, conjunto de nuvens de sentidos que, no entanto, passam ou podem passar ao menor sopro ou são varridas pelas tempestades. São nebulosas que embora consolidadas e densas não escondem sua natureza etérea, des-

garrada, solta, estrangeira, incapturável: longínquas, inalcançáveis. Mera configuração de leituras mais ou menos plausível. Isto é, tempo e palavra, que se sabem signos esgarçados que operam com o anacronismo e a multiplicidade de tempos em um campo estirado e estilizado de forças e de sentidos até torná-los uma unidade sincrônica. Isto é, uma memória passível de compartilhamento – uma história comum. Até tornar “ponto de vista” e “ponto de fuga” em um foco preciso capaz de instaurar uma temporalidade

## NEBULOSAS

O tema das nuvens tem ocupado a pintura e a história da arte há muito tempo. Embora a imagem seja celeste o tema talvez seja justamente, ao contrário, como um desses abismos que cada pesquisador escava com seus objetos de estudos, como quem explora antigos *mundus* tanto à busca das leis que regem as práticas coletivas quanto dos fundamentos que faz seus.

A inconsistência mesma do solo à medida que se escava evoca o horizonte movediço, fluído e lacunar das brumas, das névoas, de conjuntos infindáveis de nuvens em constante movimento.

Em todo caso, é nesse campo de forças movente que ele evoca as configurações que o precedem e em relação às quais se posiciona: os objetos estudados, as visões de tempo, as narrativas constituídas, os atores visíveis e deixados em segundo plano, suas ações e possibilidades. A capacidade imaginativa, discursiva e o próprio lugar político e poético que o historiador dá para si e para o que empreende são assim acionados em um movimento que não é neutro, nem objetivo (linear e limitado), nem subjetivo (pictural e totalmente

ilimitado) – é transubjetivo e cultural (impactante, sincrônico, contrastante e relacional).

## CONTORNOS

Nuvens e conjunto de nuvens (aqui chamadas de nebulosas) não tem limites e sim, contornos. As nebulosas são metáforas das configurações precárias, contingentes que são possíveis ser pensadas e propostas no campo coletivo por cada historiador a partir dos fragmentos que reúne em seu esforço de objetivação dos discursos do outro e em relação ao próprio exercício de dotação de sentido que empreende.

Como vem tentando não deixar esquecer Hubert Damisch – desde seu primeiro texto, datado de 1958, dedicado às nuvens até seu tratado de 1972 – nebulosas não são signo, nem representação, elas (des)jogam o jogo... São, redobramentos e repetição: se quisermos, são um objeto teórico. Como Leon Battista Alberti teorizou em *Della Pittura*, o historiador, como o pintor em sua *repetitivo rerum* começa por construir a própria cena onde a história, mais tarde, irá se inscrever e cada coisa encontrará seu lugar fixo e, no entanto, transitório. Posto que passível da delicadeza ou força de tantos sopros que movimentam o ar e as nuvens e que manifestam a liberdade dos corpos e das ideias que se formam sobre eles.

Como nas manchas de humidade que se vê nas paredes, do mesmo modo que se vê nas formações renovadas das nuvens cada qual reconhece – escreve Damisch – aquilo que deseja: “as figuras do seu desejo, as imagens do seu teatro, os signos de sua cultura”. E a estranheza que elas podem lhe provocar. ■